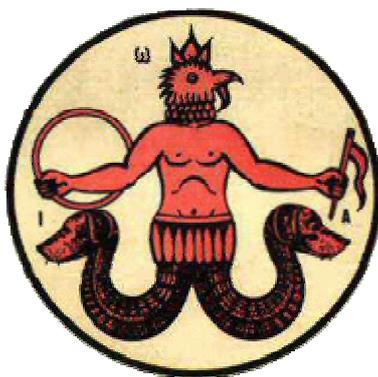


ABRAXAS

Uma Abstração



e outros absurdos literários de

Damnus Vobiscum

Tenho escrito pouquíssimo nos últimos tempos, e deste pouco ainda menos contém alguma expressividade. Os assuntos se repetem, como pesadelos recorrentes, e então é só idéia fixa – e não há nada mais aborrecido que nossas idéias fixas. Mas condensei, acredito, meus persistentes pensamentos atuais nos textos que se seguem – de maneira que, apesar da perceptível repetição de certos temas, é possível através da leitura compreender o eixo perpétuo em torno do qual giram minhas obsessões. Trata-se de um caso perdido: na resolução do mesmo grandes mentes despenderam toda sua existência – e, o que é ainda pior, sem obter quaisquer resultados práticos.

Felizmente não sou nenhuma grande mente.

Idos de março, 2010

“O verdadeiro mal, no ser humano, é como a santidade ou a genialidade. É um êxtase da alma, algo que ultrapassa os limites naturais do espírito, que escapa à consciência. Uma pessoa pode ser infinita e terrivelmente maldosa – sem sequer suspeita-lo.”

Arthur Machen

Abraxas: uma abstração

<i>I – O zunido.....</i>	<i>4</i>
<i>II – Abraxas.....</i>	<i>5</i>
<i>Morrer não sai de moda.....</i>	<i>6</i>
<i>Os outros vermes.....</i>	<i>8</i>
<i>Do sorriso.....</i>	<i>9</i>
<i>Yes We Can?.....</i>	<i>11</i>
<i>O sonho.....</i>	<i>12</i>
<i>A volta do Sr. Pouco Razoável.....</i>	<i>16</i>
<i>O sol dentro de uma caixinha.....</i>	<i>17</i>

I – O zunido

Isso, esse ruído inesgotável em teus ouvidos quando deitas tua cabeça no travesseiro, quando envolvido pelo silêncio da noite deverias repousar dos trabalhos do dia, mas não repousas, mesmo porque não trabalhaste e porque o ruído incessante não o permite, como o zunido de um mosquito aprisionado nas reentrâncias do teu crânio – isso – isso é algum castigo, alguma punição de algum deus desprovido de adoração, uma divindade há muito, muito tempo sem adoradores. Deves descobrir o nome desse deus e adora-lo, adora-lo sinceramente contrito, como se fosse culpa tua esse deus estar morto e esquecido – como se tu, sozinho, fosses responsável pelo ostracismo desse deus. Eu sei o que dirás: é injusto, e não é certo, e se as coisas são assim o mundo é um lugar horrível, onde não compensa sequer deixar a podridão dos teus ossos esmorecidos, o chorume fétido do teu corpo quando teu espírito enfim se divorciar da carne. Mas ah!, ignaro peregrino da imposição da vida, quantas e quantas arbitrariedades do universo todos são obrigados a tolerar! E quantas e quantas literais sacanagens, cometidas em nome da moral, dos bons costumes ou de qualquer outra impostura irracional, temos de engolir aparentando satisfação, ostentando um sorriso hipócrita em nossas faces geladas, inalteráveis, praticamente exultantes pelo simples fato de conseguir fazê-lo? Saiba, caminhante das estepes frias da existência, que o mundo, desde que é chamado mundo, tem sido assim. O ser humano se adapta a si mesmo, constantemente mudando, aparentemente, mas sempre o mesmo, sempre feito da mesma massa insensível e de preclara, indiscutível sensaboria. Os tempos, os usos da época o preenchem, mas ele em si é oco, vazio como um ídolo fundido onde demônios residem. Já ousou contemplar teu interior, o recesso soturno que teus pensamentos têm por berçário? Que viste ali? Pequenos sátiros saltitantes ali se refugiam, guinchando maldades, e com tridentes aguçados futucam-te a mioleira para que ajas mal, sempre e cada vez pior. É o que viste, se te atreves a confessa-lo! Esse é o estofado dos homens, essa sua visceral tendência. Praticar a maldade, a maldade que seus instintos perversos o induzem a levar a cabo – maldade em grau menor, obviamente, pois é tão mesquinho o ser humano, tão rasteiro e levemente moldado às pressas pelo Demiurgo ou quem quer que tenha sido, que se torna incapaz de supremas perversidades. É seu sonho, contudo: ser maldoso em grau extremo, e nessa direção caminha, sem titubear, todos os dias de sua curta estadia neste ínfimo monte de lama. Porém o que diriam os habitantes de uma esfera infinitamente maior, onde a Terra não passasse de um grão de poeira? Os cientistas dão bilhões de anos conjecturais ao universo, mas que sabem esses micróbios, que sabem essas nulidades a respeito do Todo, da extensão ilimitada disso que pretendem limitar, dizendo: “Tem dezenove bilhões, oitocentos e trinta e quatro milhões, seiscentos e oito mil anos”? Assim como o zunido incansável do mosquito em teus ouvidos, quando te deitas buscando repouso, não tem para ti explicação, não tem explicação a vastidão do universo. E o fato de aplicar-lhe cifras, como a ti dizer que há cinco anos escutas dentro do crânio o tal ruído, em que poderia ajudar a solucionar o mistério? Morrerás com este som entre as orelhas, assim como os físicos e astrônomos todos morrerão sem saber a real verdade a respeito do Todo. Pois há coisas além do sol – e acima do sol, também – para as quais jamais haverá explicação, Horácio; coisas para as quais não há sequer filosofia, pois que escapam aos nossos sentidos, à escala limitada dos nossos sentidos, que não vemos nem ouvimos nem sentimos a textura ou o sabor ou o odor, coisas que possuem vida ou não, consciência ou não, existência – como a admitimos – ou não. Dessas coisas jamais obteremos uma fração de conhecimento sequer – assim como nunca saberemos a razão, a verdadeira razão, de estarmos aqui.

II – Abraxas

O problema é que pensamos a nível humano. A bondade e a maldade humanas são incapazes de ultrapassar os limites da humanidade. Não prejudicamos a natureza, em absoluto: é mera ilusão imaginar que causamos males incalculáveis ao meio no qual vivemos. O meio nos limita: o meio nos contém, delimitando assim nossa maldade e reduzindo ainda mais seus efeitos. Insetos – é isso que somos na escala universal. Explosões atômicas, que pretensamente provocariam perturbações na harmonia do espaço interplanetário, não passam de cócegas mal sentidas na anatomia do cosmo. Uma espécie animal ou vegetal é extinta: tanto faz, quantas já a própria natureza não obliterou em sua insensível busca por (entre aspas) evolução? O próprio ser humano será extinto, como aquele filósofo alemão tão odiado preconizou, e não necessariamente para que alguém ou algo melhor tome o seu lugar. É tudo uma questão de estar ali sem ser convidado, fazendo o que não se quer nem se sabe o porquê de ser feito. Hoje somos nós que pensamos sobre isso, amanhã podem ser os cachorros, em seguida suas pulgas e assim sucessivamente, sem que jamais se possa prever como ou por qual secreto desígnio isso tudo acontece. Passar o tempo, simplesmente, esperando que algo aconteça, apesar de que no universo tudo é tão lento, tão desprovido de sentido ou direção, sem qualquer planejamento ou aviso ou consideração pelos que serão atingidos por essas mudanças ou pasmaceiras, sejam elas notadas ou não – pois há transformações que atingem as criaturas tão profundamente que elas sequer conseguem percebê-las – é esse nosso destino, digo nosso, seres ‘perceptivos’? E não seria contraditório que não percebêssemos tudo, se nos foi dada essa percepção? Quem criaria algo para não ser percebido? Por que motivo criaria algo invisível aos olhos, ou então para que criaria olhos, limitando-os a ver apenas o que é visível? E, no entanto, é assim que o universo funciona. Quem somos nós para questioná-lo? Pequenos corpúsculos pululantes nesta suja matéria, ainda assim o fazemos. Afinal, temos cérebro. Possuímos princípios abstratos como coragem, ousadia, determinação. Somos animados por quimeras como o interesse, a curiosidade, a necessidade de mudança, e assim seguimos adiante, processando a realidade e devolvendo o resultado sem pensar nas conseqüências. Que se dane. Diziam os gnósticos que Abraxas, o ser supremo, delegara a um funcionário seu, chamado Demiurgo, a tarefa de construir o mundo. Preguiçoso, Demiurgo fez tudo às pressas, de modos que tudo no mundo é passageiro – e a morte tornou-se um fato devido a isso. Pensam que Abraxas pegou no pé dele? Pelo contrário: Abraxas era grande demais para se importar com algo tão pequeno quanto – assim pensavam os gnósticos, na época, sobre o sistema solar – o universo. Na verdade, Abraxas era ainda mais preguiçoso que o Demiurgo, pois se quisesse a coisa direito, convenhamos, ele mesmo a teria feito. Assim, em razão da preguiça dos seres supremos, os seres imperfeitos são uma realidade. É claro, isso tudo são fábulas de um bando de pensadores arcaicos, mas já insatisfeitos com a cartilha do cristianismo (e isso ainda em seu início). No entanto, como todas as fábulas, não deixa de ter o seu encanto. Sendo o ser humano um reflexo da divindade – ou o contrário, como desejarem – é natural que atributos como a preguiça, a inaptidão e a inércia permeiem suas carnes divinas. É uma conseqüência fatal, aliás. Enquanto o ser humano não puder imaginar seus deuses livres da maldição de serem parecidos, na realidade em tudo idênticos, aos próprios seres pelos quais são imaginados, não haverá um deus decente passível de ser adorado. Até lá sorriremos falsamente nos templos, desejando secretamente o mal de nossos semelhantes e, ainda mais interiormente, o nosso próprio mal. Porque o egoísmo é o grande mal, o grande mal que se faz a si mesmo, o grande mal disfarçado de bem – o nosso bem – dentro de nós. E como a natureza é egoísta, assim também o são todas as suas criações. É algo inevitável, que apenas o ser humano, talvez, através da sua consciência, poderia mudar. Mas quem disse que ele quer? Ora, seja feita a nossa vontade.

Morrer não sai de moda

Não sinto, sabe? Nada. Nada me vai na alma, nada me cabe na alma. É como se eu tivesse tido a alma amputada. Emoção? Talvez a emoção do medo, do medo frio de estar morrendo. De dentro pra fora, morrendo. Será assim que surge o câncer? Será que realmente é fabricado a partir dessa morte de conjectura? Assim dizem os fantasistas. Mas a verdade, a grande verdade é que não me importo, tão frio estou. Meu medo, se é que o sinto, é anestesiado pela capa de gelo que me pesa sobre os miolos. E quando penso que sinto, na realidade apenas penso que sinto. Músicas me incomodam. A estupidez televisiva me aborrece até os intestinos. As pessoas me estropiam os nervos com suas mesquinhas. O mundo me causa engulhos amargos de bile pasteurizada. Azedei por dentro, e não consigo enxergar beleza nem mesmo nas asas delicadas de uma borboleta. As flores, para que servem? Para serem despetaladas, esmagadas, para murcharem em vasos sem água. Os seres humanos só servem pra morrer, segundo me consta. E alguns fazem isso sem a menor autoridade, como se jamais tivessem morrido antes. Como se morrer fosse alguma novidade, como se morrer tivesse saído de moda. Arrevento de rir por dentro (um riso mordaz que me dilacera a mucosa da boca): morrer nunca saiu de moda.

Agora estou sentado numa estúpida posição de lótus, feito algum indiano expatriado, enquanto escrevo este montão de bobagens. E percebo a Morte assentada sobre meu ombro esquerdo, fazendo cócegas na minha orelha com a ponta do seu alfanje. (É claro, não preciso dizer que isso tudo é pura invencionice minha. Como afirmar que Deus está no céu fazendo tricô. O que estou tentando dizer é que a mente pode criar uma quantidade ilimitada de mitologia sem serventia sem que sequer ordenemos. De fato, essa porcaria funciona quase sozinha. E quando percebemos já fomos engrupidos por ela, entrando no seu joguinho sórdido. Como se tivéssemos escolha... por mais real que a realidade pareça.)

Mas eu falava da Morte sentada no meu ombro esquerdo me coçando a orelha com a ponta do alfanje dela. Aí eu me viro pra ela e digo, eu falo: “Cuidado, não me vá decepar a orelha. Tem idéia de quanto fica uma restauração plástica dessa porra?”

E a Morte ri (a Morte tem o semblante de um esqueleto, como todos sabem; sorri sempre, mas seu riso é algo raro) e responde: “Não se preocupe, este alfanje é apenas decorativo: nem está afiado. Estou de folga hoje... trabalhei demais no Haiti.”

Não retruco; segundo os noticiários recentes, ela diz a verdade. Apenas me mantenho em silêncio, pois os assuntos da Morte sinceramente não me interessam. Não sou um sujeito curioso: a vida dos outros é problema dos outros. Não me faltando cigarros, não encontro grandes motivos pra me impacientar. O resto, o que as pessoas pensam, sentem ou fazem, os giros que os planetas dão, o brilho esquisito das estrelas, o resultado do campeonato ou o sabor da pamonha, a cor do cavalo branco do Napoleão, as calorias do hambúrguer, os eletrodos fincados no cérebro do macaquinho, a louça suja na pia, as receitas deliciosas da Ana Maria Braga e a última temporada de Lost... nada disso me atrai. Tudo isso a Morte deve ter lido em minha expressão carregada, pois virou pra mim e disse:

“Às vezes nada faz sentido, não é mesmo? Nem quando a Morte senta no seu ombro esquerdo e coça sua orelha com a ponta do alfanje. Mas é um alfanje decorativo, como eu disse, e eu também estou aqui apenas como decoração, no momento. Estou cansada.

Exausta. Sabe? As pessoas não param um segundo de morrer. Tenho que me desdobrar em seiscentos milhões de réplicas pra dar conta do recado. A verdade é que tirei uns dias de folga pra ir ao show do Metallica. Mas talvez nem vá, tão cansada me encontro. E o Metallica também não é mais o mesmo, o som dos caras caiu demais. Vou mais pelos hits antigos. Eu curtia muito, na época. Mas tudo decaiu, é um verdadeiro saco isso. Essa coisa dos artistas se venderem pra mídia, fazerem pesquisas de mercado e se adaptarem ao gosto do público. Os criadores precisam ser independentes, precisam compor mais pra si mesmos do que pra um bando de imbecis impressionáveis. Tentando agradar todo mundo, acabam por não agradar ninguém. O que resta de um artista quando ele se rende ao gosto da massa acéfala? A massa nem gosto tem, é uma massa insossa, estagnada e ignóbil. Fede. É, acho que não vou mesmo ao show. Deixa pra lá.”

Situação engraçada, a Morte tentando puxar papo comigo. Tentando parecer cool, inserida no contexto, como se eu me importasse com os contextos, fossem eles quais fossem. Mas resolvi ser legal com ela:

“Escuta: também já curti o Metallica. Mas acho que não é sobre isso que veio aqui me falar. Pra ser sincero, você está me desconcentrando. Eu queria fazer alguma coisa, escrever um poema, talvez, ou então só deitar e não pensar em nada. Com você trepada no meu ombro fica difícil. Vamos, diga logo de uma vez o que está fazendo aqui.”

Pensei que a Morte fosse ficar ofendida ou algo do gênero, mas não. Só parou de me coçar a orelha com o alfanje, como se eu não mais merecesse o privilégio de uma coçadinha. Até que estava gostoso, mas só fui perceber isso depois que ela parou.

“Tudo bem”, retrucou a Morte, “vou deixar de rodeios e revelar por que estou aqui. O negócio é o seguinte: você vai morrer. Você vai morrer logo, e isso porque tem feito muita besteira. Tem falado o que não deve pras pessoas erradas. Tem fumado demais. Tem feito pouco exercício, e comido muita merda. Sem falar que vive num constante estado depressivo. Isso é que é o pior. Isso me chama, entende? Funciona como o odor da testosterona pairando no ar pras fêmeas no cio. Venho correndo e levo o sujeito rapidinho pro mundo maravilhoso do pé-junto. O fato é: não quero fazer isso. Gosto de você, cara. Nem sei por que, mas gosto. Deve ser porque você vive escrevendo sobre mim nos seus textos. Não que eu precise de publicidade, você sabe. Estou no negócio faz tempo, tanto tempo que o monopólio já é praticamente meu. Vez por outra surge um atravessador, mas nunca é grande coisa. Eu mesma cuido dele, cedo ou tarde. Mas enfim... pense no que eu disse. Você pode fazer alguma coisa legal ainda, sei que pode. Algo realmente genial, cara. Não desperdice sua vida enfiado nesse casulo preto. Saia por aí, sinta o perfume de uma rosa, observe como as pessoas podem ser boas umas com as outras de vez em quando. Ouça o canto de um pássaro, pra variar. Ou simplesmente vá passear no meio do mato, apreciando a natureza. Essas coisas esplendorosamente simples que inspiram a gente. Não fique se lamuriando em silêncio por sua falta de inspiração – saia por aí em busca dela.”

Bom, foi isso que (não) aconteceu. A Morte se despediu, esvaecendo de cima do meu ombro. Por um instante pensei no que ela dissera. Mas só por um instante: no minuto seguinte o telefone tocou. Corri para atende-lo, e qual não foi minha surpresa ao ouvir a voz amigavelmente melancólica da Morte:

“Esqueci de te dizer o principal: tome bastante sol. Fortalece os ossos e aquece o espírito. Além de botar uma corzinha nessa sua cara branca. Mas faça isso antes das dez da manhã, ou então depois das quatro da tarde. Sabe como é: câncer de pele é foda.”

Os outros vermes

Os velhos intestinos mofados reclamam, seus lamentos cavernosos cortando a muda palidez da anatomia. Cigarros são acesos a intervalos calculados, espirais de fumaça como sinais de fumaça na aridez da existência, na desfaçatez da experiência. Quem é o ser que fuma em silêncio na solidão da caveira que traga a nicotina, insuflando maldições nos pulmões liquefeitos? Quem é este simulacro de respeitabilidade perdida? Os cães latem num lá fora sem sentido. A fumaça escorre ar acima, água seca, cataratas de algo que se foi e não volta, não volta jamais. Talvez a isto se deva a paz, a paz escandalosamente calada das horas trancadas na quietude das divagações delirantes, das conjeturas escaldantes cozinhando miolos em banho-maria. Maldita marmita de massa cinzenta, o crânio cabeludo não pára um segundo vai sempre avante delírios rascantes rompendo os instantes, ah, o crime dos ossos é serem eternos em cálcio – e no deserto tão brancos se tornam os crânios das múmias... Recordo-me de ter visto tais mortos molambos farrapos em trouxas de pano, um dia homens. Pudessem eu ser como as múmias repousando em tumbas ou simples caveiras bronzeando-se brancas ao sol do deserto, que há sob o sol que já não tenha sido explicado, Horácio, que é dos significados, que é dos motivos da vida...? O café que engulo e que me envenena talvez venha da Colômbia, a fumaça dos cigarros que me percorre os brônquios maltratados talvez venha da África, mas isso, essa coisa de estar remontando com partes de outros lugares o ídolo inadorável que sou, isso não me faz sentir menos mal. A morte, toda ela, toda ela com seus aquedutos de sangue e suas palmeiras peladas, com suas estradas que levam a nada, com suas tranqueiras, com suas fuligens e más-maneiras me ataca e é tão gostoso prever seu pré-ataque, como num filme, meu corpo estendido cinzento não mais um tormento, não mais uma simulação de vida, não mais a atrevida consciência cuspidando a saliva da raiva. A raiva de ser sem sentido. A raiva dos dias que rompem a casca do Tempo brotando em lamentos, partos sem sentimento, o córtex soluçando e o coração trepidando e aí, me diz, o que faço com isso, o que faço comigo? O que faço com isso que sinto, e se no Haiti as pessoas morrem esmigalhadas que posso fazer se a terra treme e soterra pessoas, que posso fazer além de morrer de inveja da dor que as consome, da dor verdadeira que as atinge e que é tão legítima, e a minha, que dor é essa que nem sequer dói, simulacro de dor, simulacro de mim? Eu quero sentir, me deixem sentir. Me deixem sentir o que sinto, este sino sangüíneo batendo e batendo mas não ouço nada, seu toque abafado é só marmelada e eu, essa coisa insensível que finge a sentença de morte, que finge a presença de vida, qual é a saída, preciso de ar... preciso aprender a lutar pois a guerra não tarda a chegar, é questão de horas, eu sei, questão de minutos – quem são esses putos dizendo de alguém especial que morreu soterrado? Quem são esses putos, quando ninguém é melhor que ninguém? O que fiz me define? Se fiz foi porque quis e se quis, bem, não fiz mais do que deveria. Meu ego satisfeito devia ser mais que suficiente pra me fazer feliz, ou não, ou tanto faz estando o feito já feito. Que fiz? Fiz pouco. Todo mundo faz pouco, por mais que se faça. É esse o problema da raça, nunca estar contente com suas realizações no âmbito do materialismo, bonito seria fazer noutra plano, no plano ideológico ou meramente simbólico permeando a eternidade sem freios no firmamento das mentes, todas elas unidas e sempre precisas sabendo, sabendo tudo, compreendo que aceitar que nada se sabe é tudo e que dessa compreensão a humildade e a modéstia brotarão salutares – sim, não é necessário dizer, bradar, berrar esganiçadamente que somos vermes, nós somos, aceitemos ou não, e é por sermos vermes que precisamos entender os desejos silenciosos da terra, que nada mais quer além desses ossos os quais escondemos na carne, nossa carne, simulacro da vida e alimento de nossos irmãos, os outros vermes – supremos senhores da terra que treme no Haiti.

Do sorriso

Sorri-se por puro condicionamento. É assim: você se acostuma com a contração dos músculos do rosto e, quando percebe, o negócio está lá, feito uma câimbra. Uma câimbra injustificada, de certo modo, pois é uma câimbra forçada, ao contrário das câimbras naturais. É forçada e ao mesmo tempo não é: é forçada porque o hábito a tornou comum, quase natural. E não é forçada porque o condicionamento, com o passar do tempo, torna-se parte integrante do complexo ao qual se aderiu, confundindo-se, amalgamando-se aos processos normais da natureza que foi condicionada. De fato, o sorriso é a única resposta à tensão de uma situação: não sei o que fazer agora – então sorrio. Pode, obviamente (e virtualmente o é), ser utilizado como uma espécie de subterfúgio, como forma de ataque: obtém-se um benefício, desarma-se, muda-se de assunto. Não é à toa que o sorriso é parte fundamental da publicidade. O que seriam das propagandas, que associam a felicidade aos produtos que planejam vender, não fossem os brilhantes sorrisos de seus bonecos nos cartazes, nos reclames televisivos, nos anúncios de revistas? Grandes conglomerados odontológicos também se beneficiam, logicamente, dessa furiosa demanda pelo sorriso perfeito. Como demonstrarei estar feliz se não puder sorrir, devido ao fato de ter dentes tortos – ou, o que é muito pior, de não possuir dentes? Como posso exibir meus defeitos de tal modo, ou antes, que motivos teria eu para estar alegre, tendo dentes amarelados, tortos, estragados, horríveis? E assim a felicidade é negada aos que, por uma ou outra razão, são impedidos de demonstra-la, sorrindo.

De qualquer forma, a obrigatoriedade do sorriso, sua instituição como modo de servilismo (a maioria dos funcionários do comércio, e mesmo da indústria, deve manter um sorriso esculpido no rosto se quiser conservar seu emprego), prova que o ato de sorrir, que deveria ser algo natural, tornou-se uma imposição social. “Sorria, você está sendo filmado”, transformou-se em realidade, na mais abjeta das realidades: a felicidade é uma obrigação.

A hipocrisia do sorriso, atualmente, é evidente pelo simples fato de que, antes de comprar, obtém-se do vendedor mil sorrisos, mas ao decidir devolver a mercadoria, o comprador não pode contar com um único sorriso sequer. Raramente quem encara uma fila de devoluções é brindado, ao final, com uma fileira de dentes radiantes. Os funcionários desses departamentos, inclusive, são os mais sorumbáticos possíveis. Isso faz parte da estratégia de vendas: pessoas mal-humoradas são, por natureza, desencorajadoras. Ora, quem melhor para colocar num balcão de devoluções do que uma pessoa dessas? O cliente pode mudar de idéia e resolver ficar com a mercadoria indesejada, pelo simples fato de assim não precisar tratar do assunto com aquele atendente de cara amarrada.

Nos relacionamentos amorosos contemporâneos, o sorriso é algo básico no jogo da sedução. Um belo sorriso angaria simpatia imediata, mesmo que a pessoa em questão possua péssimo caráter. Enfim, é preferível, hoje em dia, uma aparência de felicidade à felicidade em si (como possibilidade futura). Não importa se a pessoa tem ou não oculta em seu histórico toda uma gama de problemas sociopáticos: ela sorri, portanto é digna de confiança. Tem boas intenções, é estável, é amigável. Quantos assassinatos não tiveram um sorriso como seu ponto de origem? Assim como a serpente encanta o pássaro que pretende devorar, um psicopata atrai sua vítima com sorrisos encantadores.

“Mas não seria demasiado paranóico acusar assim o sorriso?” – questionarão. “Afirmar que o sorriso é uma arma, que é perigoso, enganador, um simulacro que acoberta

uma segunda intenção?” Talvez não apenas segundas intenções, mas inclusive terceiras e quartas. Não se trata aqui de sorrisos espontâneos, naturais: o sorriso de um filho a seu pai quando este o põe na cama e dá-lhe um beijo de boa-noite, por exemplo. É um sorriso franco, que nasce da sincera necessidade de sorrir, unicamente. Um sorriso agradecido, um sorriso real. Mas o sorriso de um vendedor de carros usados, que pretende repassar um automóvel com algum defeito a um possível incauto... que dizer de um sorriso desses? Que dizer de um corretor de imóveis que oferece uma casa construída num terreno perigoso, que põe em risco a vida de toda uma família – e que o faz com um sorriso fulgurante no meio da cara? Ou de um padre que sorri para os pais de um coroinha, o qual acabou de perverter nalgum canto obscuro da sacristia? É dessa classe de sorrisos, em suma, que tratamos aqui. Qual o grau de culpabilidade de um protético, ou qualquer outro profissional da área de saúde bucal, que fabrica um sorriso perfeito para que um monstro dessa categoria possa agir? Dotando suas mandíbulas de fascínio, age como se concedesse nova dentição a um velho tigre viciado em carne humana.

Comerciais de conglomerados odontológicos vendem seus sorrisos perfeitos a quem possa pagar por eles. Prometem a felicidade – ou antes, garantem a possibilidade de demonstra-la. É fácil, desde que se tenha dinheiro e a capacidade de ser hipócrita, iluminar com sorrisos falsos (em ambas as conotações) o ambiente do qual se pretende obter quaisquer vantagens. Assim os sorrisos tornam-se importantes aliados da ambição, da ânsia pelo sucesso. O pastor evangélico expõe sua esmerada dentuça antes de fazer passar a sacolinha de donativos. O lojista, com aquele sorriso aparentemente espontâneo cravado acima do queixo meticulosamente barbeado, sugere que a senhorita debite no cartão de crédito a incrível quantidade de artigos que experimentou, mas que se encontra indecisa em adquirir. O candidato promete sorrindo, em sua campanha política, pela televisão, benefícios que sabe serem impraticáveis. O agente funerário apresenta o ataúde mais dispendioso de todos ao entristecido cliente e, com os dentes faiscando num sorriso ultraconvicente, completa: “Imagine como ele se sentiria confortável dentro de um desses...”. O assassino serial passeia pelo parque, sorrindo seu sorriso caríssimo para as moças. Tão encantador... e tão mortal. Em breve poderá estar cortando uma delas em pedaços, lentamente, utilizando uma faca de açougueiro – e com o sorriso ainda lá, no mesmo lugar.

Em variados graus, o sorriso revela-se perigoso, um verdadeiro inimigo da sociedade. Acautelem-se contra o sorriso. Como mero simulacro de intenções veladas, pode até parecer inofensivo. Mas quem seria capaz de conjeturar a natureza dessas intenções? Lesar, em níveis mais ou menos prejudiciais, o alvo de seu encantamento: é este, em resumo, o real objetivo da maioria dos sorrisos que por aí estão. Como o cão pronto a morder expõe todos os dentes, os usuários de sorrisos pretendem provar o sabor do sangue daqueles para os quais sorriem. Sejam funcionários (que são condicionados a sorrir), sejam vendedores ou políticos (que sorriem por motivos próprios, egotistas), sejam os galantes (cujas razões são geralmente múltiplas, desde intenções ingênuas até as mais perniciosas), todos sorriem falsamente. Como, então, detectar um sorriso genuíno? Pela intuição. As razões para um sorriso verdadeiro são desinteressadas. Por trás de qualquer negociação onde houver um sorriso, portanto, tal sorriso tenderá a ser hipócrita. E aos hipócritas, como recompensa, deveria caber um castigo que muitos considerarão praticamente bíblico: a extirpação completa dos dentes – e, por extensão, das ferramentas que utilizam em sua sedução.

Yes We Can?

Se “Yes We Can” ao contrário soa como “Thank You Satan”, pergunto-me como soaria “No We Can’t”. Pergunto-me também se será mera coincidência. É Satã uma força? Será ele o símbolo maior por trás da nação americana, seu oculto pavilhão, o supremo mestre terreno representado pelo poderio político, econômico, bélico, praticamente mundial desse povo de descabeçados, de tolos deslumbrados, dessa massa amorfa de consumismo e monumental estupidez? Recuso-me a aceitar qualquer metafísica tão exclusivamente negativa, porque não acredito em equilíbrio e porque a existência de Satã implicaria na conseqüente existência de seu contrário, e se seu opositor é aquele que dizem ser – o grande, poderoso criador de todo o universo – como é que esse poderoso senhor permitiria que alguém tão baixo, rasteiro e em última análise fraco tivesse tanta influência sobre sua criação? Toda essa força que o ser humano, e em especial os norte-americanos pensam ter, e que seria proveniente do próprio Diabo – pois está sendo utilizada apenas para oprimir, ludibriar e extorquir os menos favorecidos – que força fraca é essa, que pouco alcance tem, que menor, que mínima, que micro! Recentemente explodiram uma bomba na Lua. Informem-me do porquê. Alguém sabe? O certo é que não passou de uma coceira na crosta daquele pequeníssimo satélite, daquela partícula de poeira flutuando na imensidão do cosmo. O ser humano não é nada, Satã não é ninguém, Deus não significa coisa alguma. Tudo que puder sair da imaginação humana estará fadado ao desastre, à degradação e à imediata extinção na gigantesca cronologia do tempo. Calculem-se bilhões de anos, quando vivemos no máximo oitenta miseráveis deles – e vivemos mal ainda por cima, reclamando milhares de vezes pelas centenas de desgraças que nos ocorrem dia após dia. Sim, nós podemos! Graças a Satã nós podemos! Podemos chorar, gritar e espernear que nada, nada mudaremos nessa ordem que há muito foi imposta pelo universo. De que valem as cinco estrelas de um general quando seu pâncreas é carcomido pelo câncer? De que vale o título de presidente de qualquer grande potência mundial, quando um meteoro pode cair na sua cabeça coroada se o universo assim determinar? As coisas acontecem, e não, nada podemos fazer para muda-las, apesar do livre-arbítrio, da ajuda de Deus ou do Diabo – todos fracos, todos vermes saídos da imaginação humana, esse esgoto fétido onde inclusive o que imaginamos ser é uma piada da qual o universo silenciosamente zomba. Saia pela noite e observe o céu. Veja quantas estrelas, possíveis mundos habitados, e então se pergunte se alguém realmente produziria tudo isso – ou se isso não se fez sozinho, o grande caos criador que engendrou inclusive você, suas idéias de você e você como realmente é – ou seja, nada. Você não é nada. Pode aceitar isso? Pode conviver com isso? Yes We Can? Acredito que não, e é por isso que criamos criadores de tudo, pois não podemos suportar a frieza de um universo que cria sem direção, sem objetivos ou metas ou fins para os quais convergir, sem uma mente que determine como e por que maldita razão alguma coisa foi criada. Mas isso importa? Isso realmente importa, quando vivemos durante uma ínfima fração de tempo? Que importa se o governo americano está mancomunado com os alienígenas, com Deus ou mesmo com o Diabo? Eles que se lasquem – criadouros de ilusões, comparsas da Morte, devoradores de matéria sem a menor idéia do que o espírito seja. O Espírito do Universo, que dirige todas as coisas de algum ponto indeterminado perdido em sua própria imensidão, acha graça em todos eles – em seus esforços inúteis para simular qualquer importância. E em algum ponto indeterminado perdido no espaço entre as galáxias, a entidade que não pensa nem age, porém sonha, esboça um leve sorriso na parcela de instante que dura nossa mísera eternidade em seu crânio imaterial, imortal.

O sonho

“Não quero que desça ao porão novamente”, dissera o pai da última vez que flagrara o garoto remexendo nos badulaques que se encontravam espalhados pelas prateleiras e amontoados em caixas de madeira sob o piso da velha casa onde moravam. Era um casarão muito antigo, recoberto por uma hera ancestral (as gavinhas haviam crescido inclusive sobre o telhado, e mesmo no porão as raízes engrossavam, esgueirando-se por entre os tijolos antigos e retorcendo em meio às tábuas mofadas). Mas o garoto, em plena idade da curiosidade, não resistia à tentação e, mal o pai saía para cuidar de seus assuntos, descia as escadas rangentes que levavam ao subsolo da casa. Lá passava quase o dia todo, cercado pelos objetos mais incríveis que já vira na vida – livros com gigantescas capas de madeira, cujos títulos indecifráveis haviam sido queimados ali (possivelmente com ferro em brasa), estatuetas de pedra de diversos tamanhos, representando criaturas estranhas (uma delas possuía cabeça de cachorro), animais empalhados já meio carcomidos pelos cupins, os quais, contudo, ainda mantinham suas poses estáticas (como um mangusto estrangulando uma serpente, o que deixou o garoto impressionado durante quase duas semanas). Porém não foi apenas aquela enorme quantidade de velharias amontoadas ali que encantou o menino: pois ele descobrira, por trás de uma das estantes mais ao fundo, um velho vivinho da silva, embora totalmente imobilizado do pescoço pra baixo.

Aqui todos dirão: “É mentira. Como pode um velho estar no porão de uma casa, e ainda por cima paralisado do pescoço pra baixo, sem que ninguém além de um menino saiba disso?” Não vou retrucar contra tal questionamento: a estória é minha, e não pretendo modificar os fatos de acordo com a incredulidade alheia. O velho estava lá e pronto. Deitado sobre um divã arruinado e cheio de poeira, o velho soluçara da primeira vez em que o garoto por lá se aventurara, dizendo:

“Quem está aí? É você, Grunewald? Espero que tenha trazido meus doces, seu malandro.”

O menino levava um susto e tanto. Mas, ao ver que o velho não se mexia, decidiu aproximar-se e conferir aquele prodígio.

“Quem é o senhor?”, perguntou, após olha-lo por quase um minuto inteiro. O velho suspirou tristemente por detrás da grande barba branca antes de responder.

“Sou só um velho, garoto. Um velho inútil, que não se mexe há muito, muito tempo. E você, pode me dizer quem é?”

O menino então explicou que morava naquela casa, que seu pai e ele haviam se mudado pra lá havia pouco tempo e que, como ainda não tinha amigos na vizinhança, gostava de passar seu tempo livre ali, perto de todas aquelas coisas antigas e interessantes.

O velho riu do curioso encantamento do garoto, dizendo:

“Isso tudo aí é meu! Grunewald trouxe pra cá quando perdi os movimentos do corpo. Ele sabia que eu não ia conseguir viver sem minhas coisas. Por isso, depois de carregar tudo pra cá, trouxe-me também. Arrastou-me escada abaixo, com todo cuidado. Você deve compreender como é duro estar imobilizado assim como estou... não consigo

mover nada além dos olhos e da boca. Uma vez tentei movimentar as orelhas, mas fiz muita força e não obtive qualquer resultado. Então desisti e me contentei com aquilo que posso fazer, que é piscar os olhos e sorrir, de vez em quando. Porque aqui em baixo é muito escuro e úmido, e depois de algum tempo você percebe que sorrir é algo muito especial, que deve ser reservado para os momentos realmente importantes. De modos que só às vezes é que sorrio. Piscar eu pisco sempre, pois piscar é algo involuntário que a gente faz pra esconder dos olhos que o mundo existe. Porque os olhos não podem suportar a visão ininterrupta do mundo, sabe? Então é por isso que a gente pisca sem parar, mesmo quando não quer piscar. Mas acho que já falei demais... peço que me perdoe, isso não foi muito educado de minha parte. É que faz um bom tempo que não falo com alguém. Grunewald disse que ia à confeitaria buscar uns doces que adoro, feitos com maçã fermentada, e nunca mais voltou. É um sujeito muito distraído. Não o teria visto lá fora? Um homenzinho baixo, de óculos de aro grosso, vestindo um terno verde-musgo de extremo mau-gosto?”

O menino fez que não com a cabeça, e o velho prosseguiu:

“Grunewald é meu sobrinho, filho de minha irmã Hilda. Não é muito inteligente, mas é leal feito um cocker-spaniel. Apesar de enxergar tão mal quanto uma toupeira, Grunewald tem uma visão interessante da vida. Acredita que as coisas acontecem por uma razão. Eu já não estou tão certo disso. Enfim... às vezes me deixo levar por seu modo de ver as coisas, e então o fato de estar aqui, paralisado feito uma pedra, não me parece tão terrível. Porque afinal de contas ainda posso piscar e sorrir e pensar. E também posso falar o que penso, ainda que ninguém escute aquilo que digo. O que vale é que tenho pensamentos e posso expressá-los de forma racional, e – o melhor de tudo – não há ninguém aqui além de mim para me questionar. Pois quando a gente se questiona a respeito do que pensa é porque tem alguma coisa errada com o que pensamos. Ou então com a gente. Mas já não me questiono tanto quanto antes – não como no início, quando fiquei imobilizado. Naquela época questioneei não só a mim, mas todo o esquema da realidade. Entende? Eu achava que o que tinha acontecido era culpa minha, às vezes, e às vezes culpava o destino ou Deus ou o sujeito que me acertou no pescoço com uma barra de ferro. Mas depois de tanto tempo aqui neste corpo imóvel pude entender que as coisas acontecem, simplesmente acontecem e não há nada que possamos fazer além de aceitá-las da maneira como ocorrem. E cá estou eu falando demais outra vez... diga-me, garoto, está com fome?”

O rapazinho respondeu que já almoçara.

“Pois eu estou com o estômago literalmente nas costas. Estou faminto! Poderia sair e procurar alguma coisa pra eu comer?”

E assim o velho se tornou o segredo do garoto, a razão para ele desobedecer as ordens do pai e descer ao porão sempre que o mesmo se ausentava. Pois sentia que precisava cuidar daquele velho, assim como quem tem um filho sente a necessidade de cuidar do filho que tem. E não apenas pela responsabilidade, pois isso era o de menos. O menino gostava do velho, e o fato do velho precisar dele fazia com que gostasse ainda mais. E, pelo velho precisar da sua ajuda, também precisava dele. De fato, precisamos que precisem da gente – concluíra depois de algum tempo. E como tudo que pensava dizia ao velho, dissera também isto. O velho escutou sua exposição em silêncio, dizendo em seguida:

“É muito bonito isso que disse. Sinceramente, em todos os meus anos de vida, e mesmo agora, que praticamente só tenho feito pensar, jamais pensei algo tão singular. Creio

que talvez você tenha a alma de um filósofo guardada em algum canto da cabeça, filho. Às vezes acontece, sabe? Nascemos com pensamentos alheios, muito antigos, escondidos na confusão dos nossos miolos. Pensamentos que não nos pertencem, mas que são antes patrimônios da humanidade. Um filósofo grego afirmava que todas as idéias às quais temos acesso vêm de um outro mundo, uma outra dimensão onde as idéias costumam nascer. Dizia que só alguns privilegiados possuíam a capacidade de ir até lá buscar essas idéias, e que pouquíssimos dentre estes seriam capazes de trazê-las para o nosso mundo da forma exata como realmente são. É por isso a maioria das idéias é incompleta, pois não passam de cópias malfeitas das idéias perfeitas que estão no outro mundo – o mundo das idéias. Pois então... acredito que essa idéia que teve é perfeita, meu rapaz. Não seria você um desses iluminados, capaz de ter acesso irrestrito ao mundo das idéias?”

Aquilo deixou o menino fora de si de contentamento. Mas como podia ir a esse mundo e pegar as idéias, trazendo-as pra cá? As idéias tinham forma, extensão, substância? Dava pra catar mais de uma? Se desse pra pegar duas, três, dez idéias de cada vez, ia demorar bem menos tempo trazer todas elas pra realidade... e se amarrasse uma à outra, fazendo fardos de idéias? Podia levar um carrinho de mão e trazer todas de uma vez só! Expôs essa idéia ao velho, que mal pôde conter um acesso de riso:

“Não é assim tão simples”, respondeu ele após sacudir muito a cabeça. “As idéias não podem ser forçadas, são muito frágeis! As idéias são feitas de nuvens, garoto. Sabe do que são feitas as nuvens? As nuvens são a idéia da água. Quando as idéias estão no mundo das idéias, são apenas idéias de idéias. São como as nuvens... nuvens de idéias, que ainda não viraram idéias. Você pode vê-las, mas é só. Se tentar agarra-las, elas se desfazem, voando pra muito longe, e nunca mais voltam a aparecer pra você. De qualquer modo, não é assim que funciona. Você não vai ao mundo das idéias: ele vem até você. Ele se abre dentro da sua cabeça e deixa você ver um pouquinho dele, nunca tudo. Porque se visse tudo você ficaria maluco com tantas idéias de uma só vez. Há tantos tipos de idéias que não há como se concentrar em uma única delas, então se você visse todas seria como se não visse nenhuma. É como ter muita coisa pra comer: você fica indeciso e acaba não comendo nada. Aliás, por falar nisso, trouxe alguma coisa pra mim? Estou morrendo de fome.”

O garoto apresentou-lhe um pedaço de torta de amoras. Segurava o alimento diante da boca do velho, para que este pudesse comer. O velho mastigava durante um longo tempo antes de engolir, saboreando bastante e elogiando o bom-gosto do menino na escolha da comida. Isso deixava o rapazinho muito feliz, e ao mesmo tempo com uma pontinha de tristeza, pois ficava imaginando os maus bocados pelos quais o velho passara antes que ele o encontrasse ali. Agora, nos dias mais frios, o menino descia com uma manta e cobria o velho para que não se resfriasse. Mas, e antes? Como o velho se virava? Sim, porque pelo jeito seu sobrinho havia muito tempo se ausentado. O garoto desconfiava, inclusive, que fora o próprio Grunewald quem negociara a casa com seu pai. Pretendia se livrar dele?

“Jamais!”, bradou o velho, demonstrando estar profundamente ofendido com aquela idéia. “Grunewald nunca faria isso! Criei-o desde bebê, pois Hilda, minha irmã, morreu assim que ele nasceu. Seu pai também já era falecido, de forma que eu, como seu único parente vivo, fiquei com ele. Não tive filhos, pois nunca me casei. Grunewald é como um filho pra mim. E considera-me como seu pai, tenho certeza. Ele não faria uma coisa dessas... não faria!”

Mas algo mudou no velho depois disso. Seus olhos perderam o brilho, e pouco a pouco se tornou quieto, limitando-se a responder com monossílabos às perguntas do garoto.

E logo já nem respondia: apenas grunhia, raramente de modo satisfatório. O menino tentava anima-lo – oferecendo-lhe, por exemplo, os doces de maçã fermentada que sabia que ele adorava. Mas tudo em vão: o silêncio era tudo. Com o passar dos dias, as visitas do garoto foram escasseando... com o passar dos meses, a memória do velho foi sendo apagada de sua mente. E, com o passar dos anos, a própria idéia do velho desapareceu completamente.

Os anos seguiram-se às décadas. O pai do garoto morreu, e ele, que jamais fizera outra coisa na vida além de pensar, cresceu para tornar-se um pensador amargo: um niilista. Envelheceu escrevendo livros onde combatia a realidade, considerando-a uma farsa ignóbil, uma falácia muito bem armada pelos Titereiros de Fatos – como costumava chamar aqueles que, no âmbito de suas teorias, controlavam o mundo. Seus livros não obtiveram qualquer sucesso, muito provavelmente pelo fato de serem pessimistas ao extremo, determinando o fim não como algo a acontecer, mas com algo que já acontecera havia muito, muito tempo. E além dos inimigos acadêmicos, que o tinham por uma espécie de maníaco do pensamento ocidental, contava ainda com uma série de inimigos imaginários, os quais perseguiam-no em sonhos – mesmo quando acordado. E essa paranóia aos poucos foi crescendo dentro dele, explodindo furiosamente determinada noite.

Foi numa noite de tempestade. Relâmpagos cortavam as nuvens, e o ribombar dos trovões fazia com que as estruturas todas da casa tremessem. Uma tempestade como jamais se vira, onde os ventos obrigavam as árvores a se inclinarem até o chão. O garoto – não mais um garoto agora, mas um velho – via sombras nas janelas a cada raio que iluminava o interior do casarão. Sombras que se movimentavam, esgueirando-se pelas laterais do telhado, procurando um jeito de penetrar na casa. Buscando uma forma de entrar lá para mata-lo, pois ele falara demais, dissera verdades que os donos da verdade não podiam aceitar que fossem ditas. Não impunemente. O velho – o garoto – imaginou um lugar onde pudesse se esconder. Olhou em volta: os relâmpagos clareavam tudo, não havia um canto da casa onde as sombras não o encontrassem. Onde estaria protegido? Foi então que se lembrou... correu para o porão. Lá os raios não iluminavam – as sombras se diluíam na escuridão. Desceu as escadas e dirigiu-se para os fundos, atrás das pilhas de livros e objetos de arte esquecidos. Havia um divã ali. Um divã vazio, coberto de poeira. Deitou-se encolhido e trêmulo sobre as almofadas sujas, batendo os dentes nervosamente, e ficou quietinho, só escutando.

Adormeceu ali durante aquela noite tempestuosa. Dos inúmeros sonhos que teve, não se recordou de um único sequer. E no dia seguinte acordou quebrado – porque o divã era duro, extremamente desconfortável.

A volta do Sr. Pouco Razoável

O Sr. Pouco Razoável chegou em casa faltando quinze para as seis. Aborreceu-se por uma razão ou por outra, como de costume, e embarafustou-se pelos meandros do banheiro. Livrando-se das roupas conseguiu atingir o vaso sanitário. Eram seis e dezoito.

Após desinflar dolorosamente as tripas (porque o Sr. Pouco Razoável sofria de hemorróidas), dirigiu-se para o chuveiro, que distava cerca de setenta metros dali, através de um labirinto complicadíssimo. Felizmente fizera marcas nas paredes, de modos que podia chegar ao box em menos de oito minutos.

O Sr. Pouco Razoável tomou uma ducha rigorosamente cronometrada: quatro minutos e vinte e seis segundos cravados. A água estava a uma temperatura que girava em torno de trinta e nove e quarenta e um graus centígrados. Esfregou cinco vezes atrás das orelhas.

O Sr. Pouco Razoável enxugou-se com a toalha branca e pálida de sempre, que sempre devia estar dobrada em três cuidadosas dobras no mesmo lugar de sempre: a barra transversal esquerda de pendurar toalhas. Caso não estivesse lá, ou se estivesse dobrada de forma incorreta, o Sr. Pouco Razoável certamente daria um chilique.

O Sr. Pouco Razoável conseguiu encontrar a saída do banheiro exatamente às seis e cinquenta e sete. Às sete e seis alcançou o armário, onde encontrou tudo da maneira como costumava encontrar. Teria sorrido, se ainda se lembrasse de como isso podia ser feito.

O Sr. Pouco Razoável vestiu-se: calça e camisa folgadas de pijama, sem esquecer a touca combinando. Calçou as pantufas, pegou o cachimbo na segunda gaveta do criado-mudo e encaminhou-se para a sala. Eram sete e dezenove.

Exatamente às sete e vinte seis o Sr. Pouco Razoável sentou-se em sua poltrona, previamente esquentada por sua mulher com um ferro de passar, e abriu o jornal na seção de economia. Com o cachimbo no canto esquerdo da boca, o Sr. Pouco Razoável fingiu que lia por um período de cerca de dezoito minutos, talvez um pouco menos. Então sentiu uma dor incômoda nas pontas dos dedos, como se os mesmos ameaçassem estourar.

Às sete e cinquenta e nove o Sr. Pouco Razoável determinou que devia sem perda de tempo comunicar seu médico de que não estava nada bem. A dor na ponta dos dedos subira pelos braços e agora toda a região do peito ardia de maneira terrível. Fez tudo isso calmamente, para não causar qualquer alvoroço.

O Sr. Pouco Razoável sentou-se novamente na poltrona após telefonar para o médico. Esperaria tranqüilamente, apesar da dor lancinante que parecia espremer seu coração. Sim, não adiantava nada criar uma confusão agora – tudo se resolveria.

O médico chegou às oito e vinte e quatro. A Sra. Pouco Razoável conduziu-o à sala, onde constataram que o Sr. Pouco Razoável falecera. O jornal ainda se encontrava em seu colo, e seus olhos vidrados pareciam estar lendo o próprio nome na coluna dos obituários.

O sol dentro de uma caixinha

“Quero o sol dentro de uma caixinha”, disse o ancião. Sua agonia durava já muitos dias, naquele leito branco de hospital, e a filha, insone por tanto tempo, não achou tão estranho aquele pedido – talvez por sua mente estar desorganizada o suficiente para tanto.

“E como seria essa caixinha, pai? De madeira, papelão? Colorida? Quadrada, retangular? Enfeitada com fitinhas?”

“Qualquer caixinha serve, desde que o sol esteja dentro dela. O sol brilhando junto com conchinhas rosadas, nas quais eu possa escutar o barulho do mar.”

A filha sorriu, o sorriso destoando do olhar tristonho cerceado por escuras olheiras. O ancião emagrecera muito em virtude da moléstia, e podia-se dizer que restara pouco de seu pai nele, menos que o suficiente, enfim, para reconhecê-lo. Um homem tão orgulhoso, tão absolutamente centrado, racional até a medula dos ossos... e agora, em seus últimos momentos, tudo que fazia era querer o sol dentro de uma caixinha.

“E o que fará com o sol dentro da caixa?”, perguntou ela, fazendo o possível para manter o sorriso.

O velho encarou-a com surpresa.

“O que farei? Mas que pergunta tola, menina. Eu o possuirei. Será meu e apenas meu. Possuindo o sol, jamais precisarei morrer. Com sua luz alimentarei meus dias por toda a eternidade, e assim recobrarei o tempo perdido. Viverei cada dia como se fosse o último, sem que o último precise necessariamente vir a ser. Com o sol numa caixinha, por mais vagabunda que seja, poderei fazer o que bem quiser.”

A filha concordou vagamente, e indo até o corredor pediu à enfermeira uma caixa de luvas cirúrgicas vazia.

“Ele quer o sol dentro dela... com conchinhas”, disse, com a máxima seriedade.

A enfermeira buscou a caixa e entregou-a sem dizer nada. A filha foi até o ancião, entendendo-a a ele.

“Aí está, pai. O sol está aí dentro: mas sem as conchinhas, porque infelizmente não havia nenhuma disponível.”

O velho sacudiu a caixa e depois abriu. Viu seu interior vazio e devolveu um olhar decepcionado para a filha.

“Não tem sol nenhum aqui dentro. Eu quero o sol, o sol dentro de uma caixinha.”

Seus olhos se tornaram úmidos e trêmulos de súbito. Aquele homem jamais chorara diante de ninguém, e se encontrava agora prestes a abrir as comportas da alma, como uma criança insatisfeita. A filha pegou a caixa num gesto de impaciência e dirigiu-se à janela.

Abriu-a diante da luz que vinha de fora, esperando um pouco, como se aguardasse que a caixa se enchesse dela. Quando achou ser o suficiente, fechou a caixa e voltou para o pai.

“Aqui está. Agora o sol está todo aí dentro.”

O velho olhou-a desconfiado.

“Tem certeza?”

“Absoluta. Não sobrou nada do sol. Tiveram até que acender as luzes da rua.”

O velho sorriu, pleno de satisfação. Abraçou a caixa de luvas como se a mesma se tratasse de um bem inestimável, um tesouro tão precioso e importante que todo o resto, a vida, a morte, o céu e o inferno perdiam o sentido.

“Não tem problema, sabe, filha? Não ter conseguido as conchas. Agora que tenho sol, posso ouvir o ruído das ondas sem elas. Posso fazer qualquer coisa. Posso sair daqui se quiser, e passear naquele imenso jardim onde conheci sua mãe. Ela era a rosa mais bonita... era a flor mais perfeita de todas, por isso foi colhida tão cedo. Mas com o sol sob custódia posso passear de mãos dadas com ela novamente naquele jardim. E andaremos por lá e nunca vai escurecer, porque quando a escuridão ameaçar surgir eu abrirei a caixa e então ela terá que ir embora. É pra isso, pra isso que eu queria o sol aqui dentro, filha. Pra poder mandar a escuridão embora.”

E apertou a caixa de encontro ao peito magro.

A filha não mais conseguiu conter o choro. Explodiu num mar de lágrimas, gratas lágrimas, porque aquele homem frio, aquele homem implacável que jamais em sua vida dissera uma única palavra branda, uma palavra que revelasse sua alma, seus sentimentos, sua esperança no potencial dos sonhos, sua fé, sua confiança, sua capacidade imaginativa, ali, naquele momento, através de uma série de atitudes disparatadas, revelava possuir não apenas luz interior, mas todo um sol por dentro, toda uma imensidão luminosa represada em seu espírito. Ninguém era absolutamente seco, nem mesmo aquele homem distante, aquele homem que durante toda sua infância e adolescência não lhe dedicara carinho nem atenção, e justamente quando sua mãe morrera tão cedo, deixando-a sozinha, a mercê da amargura e da frieza daquele homem que simplesmente se ausentara, talvez ainda mais que a mãe, desfazendo qualquer laço que pudesse resultar de sua mútua convivência...

“Por que está chorando, minha filha?”

O ancião havia deixado a caixa de lado e estendera a mão ossuda e fria, tocando levemente seu ombro nu. Naquele instante ela o sentiu próximo, mais próximo do que jamais sentira em todos aqueles anos. Abraçaram-se, e o tempo perdido foi recuperado.

Valera a pena, afinal de contas.